

# O romantismo revolucionário de Maio 68\*

por Michael Löwy\*

[Tradução: Celuy Roberta Hundzinski]

O espírito de 68 é uma bebida potente, uma mistura apimentada e desejável, um coquetel explosivo composto por diversos ingredientes. Um de seus componentes – e não o menor – é o *romantismo revolucionário*, ou seja, um protesto cultural contra os fundamentos da civilização industrial/capitalista moderna, seu produtivismo e seu consumismo, e uma associação singular única e sem gênero, entre subjetividade, desejo e utopia – o “triângulo conceitual” que define, segundo Luisa Passerine, 1968.[\[1\]](#)

O romantismo não é, somente, uma escola literária do início do século XIX – como se pode, ainda, ler em vários manuais – mas uma das principais formas da cultura moderna. Enquanto estrutura sensível e visão de mundo, ele se manifesta em todas as esferas da vida cultural – literatura, poesia, arte, música, religião, filosofia, idéias políticas, antropologia, historiografia e as outras ciências sociais. Seguiu na metade do século XVIII – pode-se considerar Jean-Jacques Rousseau como “o primeiro dos românticos” -, corre através da *Frühromantik* alemã, Hölderlin, Chateaubriand, Hugo, os pré-rafaelistas ingleses, William Morris, o simbolismo, o surrealismo e o situacionismo, e está, ainda, conosco, no início do século XXI. Pode ser definido como uma revolta contra a sociedade capitalista moderna, em nome de valores sociais e culturais do passado, pré-modernos, e um protesto contra o desencantamento moderno do mundo, a dissolução individualista/competitiva das comunidades humanas, e o triunfo da mecanização, mercantilização, reificação e quantificação. Rasgado entre sua nostalgia do passado e seus sonhos de futuro, pode tomar formas regressivas e reacionárias, propondo um retorno às formas de vida pré-capitalistas, ou uma forma revolucionária/utópica, que não preconiza uma volta, mas um desvio pelo passado em direção ao futuro; neste caso, a nostalgia do paraíso perdido é investida na esperança de uma nova sociedade.[\[2\]](#)

Entre os autores mais admirados da geração rebelde dos anos 60, podem-se encontrar quatro pensadores que pertencem, sem dúvida alguma, à tradição romântica revolucionária e que tentaram, como os surrealistas uma geração anterior, combinar – cada um à sua maneira, individual e singular – a crítica marxista e a crítica romântica da civilização: Henri Lefebvre, Guy Debord, Herbert Marcuse e Ernst Bloch. Enquanto os

dois primeiros tinham a simpatia dos rebeldes franceses, o terceiro era mais conhecido nos EUA, e o último, sobretudo, na Alemanha. Sabendo-se que, a maior parte dos jovens que saíram às ruas de Berkeley, Berlim, Milão, Paris ou México, nunca leu esses filósofos, mas suas idéias eram difundidas, de mil e uma maneiras, nos panfletos e nas palavras de ordem do movimento. Isso vale, destacadamente, na França, para Debord e seus amigos situacionistas, aos quais o imaginário de maio de 68 deve alguns de seus sonhos mais audaciosos, e algumas de suas fórmulas mais tocantes (“Imaginação ao poder”). Entretanto, não é a “influência” desses pensadores que explica o espírito de 68, mas, preferencialmente, o contrário: a juventude rebelde procurava autores que poderiam fornecer idéias e argumentos para seus protestos e desejos. Entre eles e o movimento aconteceu, no decorrer dos anos 60 e 70, uma espécie de “afinidade eletiva” cultural: eles se descobriram e se influenciaram mutuamente, num processo de reconhecimento recíproco.[\[3\]](#)

Em seu memorável livro sobre Maio de 68, Daniel Singer capturou perfeitamente o significado de “acontecimentos”: “Foi uma rebelião total, colocando em questão, não tal ou tal aspecto da sociedade existente, mas seus objetivos e meios. Tratava-se de uma revolta mental contra o estado industrial existente, tanto contra a estrutura capitalista como contra o tipo de sociedade de consumo que ele criou. Isso se emparelhava com uma repugnância tocante a tudo o que vinha do alto, contra o centralismo, a autoridade, a ordem hierárquica”.[\[4\]](#) A *Grande Recusa* – expressão que Marcuse emprestou a Maurice Blanchot – da modernização capitalista e do autoritarismo – define bem o *ethos* político e cultural de maio de 68 bem como, provavelmente, de seus equivalentes nos EUA, México, Itália, Alemanha, Brasil, e outros.

É preciso assinalar que esses movimentos *não* foram motivados por uma crise qualquer da economia capitalista: ao contrário, era a época dita das “trinta gloriosas” (1945-75), dos anos de crescimento e prosperidade capitalista. Isso é importante para evitar uma armadilha de se esperar revoltas anti-capitalistas, somente – ou, sobretudo – como resultado de uma recessão ou de uma crise mais ou menos catastrófica da economia: não há correlação direta entre os altos e baixos da Bolsa e a ascensão ou declínio das lutas – ou das revoluções – anti-capitalistas! Acreditar no contrário seria um regresso em direção ao tipo de “marxismo” economicista que predominava nas Segunda e Terceira Internacionais.

Limitarei meus comentários ao caso francês, que conheço melhor. Se pegarem, por exemplo, o célebre panfleto distribuído, em Março de 68, por Daniel Cohn-Bendit e seus amigos, “Por que sociólogos?”, encontra-se a rejeição mais explícita de tudo o que se apresenta sob o signo de “modernização”; esta é identificada como não sendo outra coisa além da planificação, racionalização e produção de bens de consumo segundo as necessidades do capitalismo organizado. Diatribes análogas contra a tecnoburocracia industrial, a ideologia do progresso e a rentabilidade, os imperativos econômicos e as “leis da ciência” estão presentes em muitos documentos da época. O sociólogo Alain Touraine, um observador distanciado do movimento, justifica este aspecto de Maio de 68, utilizando conceitos de Marcuse: “A revolta contra a ‘unidimensionalidade’ da sociedade industrial gerada pelos aparelhos econômicos e políticos não pode explodir sem comportar aspectos ‘negativos’, ou seja, sem opor a expressão imediata de desejos às coerções, que se davam por naturais, do crescimento, da modernização”.<sup>[5]</sup> A isso se deve acrescentar o protesto contra as guerras imperialistas e/ou coloniais, e uma poderosa onda de simpatia – não sem ilusões “românticas” – em direção aos movimentos de libertação dos países oprimidos do Terceiro Mundo. Enfim, *last but not least*, em muitos desses jovens militantes, uma profunda desconfiança para com o modelo soviético, considerado como um sistema autoritário/burocrático, e, para alguns, como uma variante do mesmo paradigma de produção e consumo do Ocidente capitalista.

O espírito romântico de Maio de 68 não é composto, somente, de “negatividade”, de revolta contra um sistema econômico, social e político, considerado como desumano, intolerável, opressor e filistino, ou atos de protesto tais como o incêndio dos carros, esses símbolos desprezados da mercantilização capitalista e do individualismo possessivo.<sup>[6]</sup> Ele está, também, carregado de esperanças utópicas, sonhos libertários e surrealistas, “explosões de subjetividade” (Luisa Passerini), em resumo, do que Ernst Bloch chamava *Wunschbilder*, “imagens-de-desejo”, que são não somente projetadas num futuro possível, uma sociedade emancipada, sem alienação, reificação ou opressão (social ou do gênero), mas também, imediatamente, experimentadas em diferentes formas de prática social: o movimento revolucionário como festa coletiva e como comunidades humanas livres e igualitárias, a afirmação partilhada da sua subjetividade (sobretudo entres os feministas); a descoberta de novos métodos de criação artística,

desde os pôsteres subversivos e irreverentes, até as inscrições poéticas e irônicas nos muros.

A reivindicação do direito à subjetividade estava, inseparavelmente, ligada ao impulso anti-capitalista radical que atravessava, de um lado ao outro, o espírito de Maio de 68. Esta dimensão não deve ser subestimada: ela permitiu – a frágil aliança entre os estudantes, os diversos *grupúsculos* marxistas ou libertários e os sindicalistas que organizaram, apesar de suas direções burocráticas, – a maior greve geral da história da França.

Em sua importante obra sobre “o novo espírito do capitalismo”, Luc Boltanski e Eve Chiapello distinguem dois tipos – no sentido weberiano do termo – de crítica anti-capitalista – cada uma com sua combinatória complexa de emoções, de sentimentos subjetivos, de indignações e de análises teóricas – que, de uma maneira ou de outra, convergiram em Maio de 68: I) a *crítica social*, desenvolvida pelo movimento operário tradicional, que denuncia a exploração dos trabalhadores, a miséria das classes dominadas, e o egoísmo da oligarquia burguesa que confisca os frutos do progresso; II) a *crítica artista*, apoiada em valores e opções de base do capitalismo, e que denuncia, em nome da liberdade, um sistema que produz alienação e opressão.<sup>[7]</sup>

Examinemos de mais perto o que Boltanski e Chiapello compreendem sobre o conceito de *crítica artista* do capitalismo: uma crítica do desencantamento, da inautenticidade e da miséria da vida cotidiana, da desumanização do mundo pela tecnocracia, da perda de autonomia, enfim, do autoritarismo opressor dos poderes hierárquicos. Mais do que liberar as potencialidades humanas para a autonomia, a auto-organização e a criatividade, o capitalismo submete os indivíduos à “gaiola de aço” da racionalidade instrumental, e da mercantilização do mundo. As formas de expressão desta crítica são emprestadas ao repertório da festa, do jogo, da poesia, da libertação da palavra, enquanto que sua linguagem é inspirada por Marx, Freud, Nietzsche e o surrealismo. Ela é anti-moderna em sua medida onde insiste no desencantamento, e modernista quando dá ênfase à libertação. Podem-se encontrar suas idéias já nos anos 1950 em pequenos “grupos de vanguarda” artística e política – como “Socialismo ou Barbárie” (Cornélius Castoriadis, Claude Lefort) ou o situacionismo (Guy Debord, Raoul Vaneigem) – antes que elas explodissem no grande dia na revolta estudantil em 68.<sup>[8]</sup>

De fato, o que Boltanski e Chiapello chamam “crítica artista” é fundamentalmente o mesmo fenômeno que eu designo como crítica *romântica* do capitalismo. A principal

diferença é que dois sociólogos tentam explicar por “um modo de vida boêmia”, pelos sentimentos de artistas e de dândis, formuladas de maneira exemplar nos escritos de Baudelaire.<sup>[9]</sup> Isso me parece uma ponderação muitíssimo estreita: o que eu chamo de romantismo anti-capitalista não é, somente, mais antigo, mas tem uma base social muito mais ampla. Ele é implantado não somente entre artistas, mas intelectuais, estudantes, mulheres, e todos os tipos de grupos sociais cujo estilo de vida e a cultura são, negativamente, afetados pelo processo destrutor da modernização capitalista.

Outro aspecto problemático da experimentação, aliás, destacável pela riqueza de suas propostas, de Boltanski e Chiapello, é sua tentativa de demonstrar que, no decorrer dos últimos decênios, a *crítica artista*, separando-se da crítica social, integrou e recuperou pelo novo espírito do capitalismo, pelo seu novo estilo de direção, fundado sobre os princípios de flexibilidade e liberdade, que propõe uma maior autonomia no trabalho, mais criatividade, menos disciplina, e menos autoritarismo. Uma nova elite social, freqüentemente ativa no decorrer dos anos 60 e atraída pela *crítica artista*, rompeu com a crítica social do capitalismo – considerada como “arcaica” e associada à velha esquerda comunista – e aderiu ao sistema, ocupando lugares dirigentes.<sup>[10]</sup>

Evidentemente, há muita verdade nesse quadro, porém, mais que uma continuidade unida e sem choques entre os rebeldes de 68 e os novos dirigentes, ou entre os desejos e as utopias de Maio e a última ideologia capitalista, vejo uma profunda ruptura ética e política – às vezes na vida do mesmo indivíduo. O que foi perdido nesse processo, nessa metamorfose, não é um detalhe, mas o essencial: o *anti-capitalismo*... Uma vez despojada de seu próprio conteúdo anti-capitalista – diferente do da crítica social –, a crítica *artista* ou romântica deixa de existir enquanto tal, perde toda significação e torna-se um simples ornamento. Sabendo-se que, a ideologia capitalista pode integrar elementos “artistas” ou “românticos” em seu discurso, mas foram previamente esvaziados de todo conteúdo social significativo para tornarem-se uma forma de publicidade. Há pouco em comum entre a nova “flexibilidade” industrial e os sonhos utópicos libertários de 68. Falar, como o fazem Boltanski e Chiapello, de um “capitalismo esquerdista”<sup>[11]</sup>, parece-me um puro contra-senso, uma *contradictio in adject*.

Qual é, então, a herança de 68 hoje? Pode-se concordar com Perry Anderson que o movimento foi duravelmente vencido, que vários de seus participantes e dirigentes tornaram-se conformistas, e que o capitalismo – em sua forma neoliberal – tornou-se, no

decorrer dos anos 1980 e 1990, não somente triunfante, mas como o único horizonte possível.<sup>[12]</sup> Mas, parece-me que assistimos, no transcorrer dos últimos anos, à ascensão, à escala planetária, de um novo e vasto movimento social, com um forte componente anti-capitalista. Evidentemente, a história nunca se repete, e seria, também, em vão o absurdo de atingir um “novo Maio de 68” em Paris ou em outro lugar: cada nova geração rebelde inventa sua própria e singular combinatória de desejos, utopias e subjetividades.

A mobilização internacional contra a globalização neoliberal, inspirada pelo princípio que “o mundo não é uma mercadoria”, que tomou as ruas de Seattle, Praga, Porto Alegre, Genes é – inevitavelmente – muito diferente dos movimentos dos anos 60. Ela está longe de ser homogênea: enquanto que os participantes mais moderados ou pragmáticos acreditam, ainda, na possibilidade de regular o sistema, uma larga secção do “movimento dos movimentos” é, abertamente, anti-capitalista, e em seus protestos pode-se encontrar, como em 68, uma fusão única entre as críticas romântica e marxista de ordem capitalista, de suas injustiças sociais e de sua avidez mercantil. Pode-se, indiscutivelmente, perceber certas analogias com os anos 60 – a poderosa tendência anti-autoritária, ou libertária – mas, também, diferenças importantes: a ecologia e o feminismo, que estavam, ainda, nascendo em Maio de 68, são, agora, componentes centrais da nova cultura radical, enquanto que as ilusões sobre o “socialismo realmente existente” – quer seja Soviético ou Chinês – praticamente desapareceram.

Este movimento está, somente, começando, e é impossível prever como se desenvolverá, mas já mudou o clima intelectual e político em certos países. Ele é realista, o que quer dizer que ele pede o impossível...

(Artigo anteriormente editado em inglês no *Thesis Eleven*, n° sobre 68, fevereiro de 2002)

---

\* [Revue Contretemps 22](#), mai 2008. *Mai 68: un monde en révoltes*. Dossier coordonné par Antoine Artous, Jean Ducange, Lilian Mathieu.

\* Sociologue, CNRS.

[1] L. Passerini, “‘Utopia’ and Desire”, *Thesis Eleven*, n° 68, February 2002, pp. 12-22.

[2] Verificar sobre este assunto em meu livro, com Robert Sayre, *Révolte et Mélancolie. Le romantisme à contre-courant de la modernité*, Paris, Payot, 1992.

[3] Envio à análise do conceito de afinidade eletiva em meu livro *Rédemption et Utopie. Le Judaïsme libertaire en Europe centrale, une étude d'affinité élective*, Paris, Presses Universitaires de France, 1986.

[4] Daniel Singer, *Prelude to Revolution. France in May 1968*, New York, Hill and Wang, 1970, p. 21.

[5] Alain Touraine, *Le Mouvement de Mai ou le Communisme utopique*, Paris, Seuil, 1969, p. 224. Verificar, também, o interessante artigo de Andrew Feenberg, “Remembering the May events”, *Theory and Society*, n° 6, 1978.

[6] Eis o que escrevia Henri Lefebvre em um livro publicado em 1967: “Nesta sociedade onde a coisa tem mais importância que o homem, há um objeto rei, um objeto-piloto: o automóvel. Nossa sociedade, dita industrial, ou técnica, possui esse símbolo, coisa dotada de prestígio e poder . (...) o carro é um instrumento incomparável e talvez irremediável, nos países neo-capitalistas, de desculturalização, de destruição por dentro do mundo civilizado”; H. Lefebvre, *Contre les technocrates*, 1967, reeditado em 1971 com o título *Vers le cybernanthrope*, Paris, Denoël, p.14.

[7] Luc Boltanski, Eve Chiapello, *Le nouvel esprit du capitalisme*, Paris, Gallimard, 1999, pp. 244-245.

[8] *Ibid.*, pp. 245-246, 86.

[9] *Ibid.*, pp. 83-84.

[10] *Ibid.*, pp. 283-287.

[11] *Ibid.*, p. 290.

[12] Refiro-me às intervenções orais de P. Anderson nos debates por ocasião de um seminário sobre Maio de 68 em Florença, que possibilitou a publicação de um número da revista *Thesis Eleven*.